

# Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá

Mariana Petry Cabral<sup>1</sup>  
João Darcy de Moura Saldanha<sup>2</sup>

## Resumo

As estruturas megalíticas do norte do Amapá podem ser descritas como grupos de blocos graníticos dispostos no topo de colinas em diferentes formatos. Desde 2005 um projeto de pesquisa é desenvolvido no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) tendo como um dos objetivos levantar dados empíricos para a análise dos fenômenos arqueológicos associados com este tipo de estrutura. Além de novas estruturas megalíticas, diferentes tipos de sítios foram registrados, fornecendo as primeiras indicações sobre a relação dos conjuntos megalíticos e a paisagem no entorno. Escavações em uma estrutura megalítica bem preservada foram feitas, permitindo novas interpretações sobre a natureza e função deste tipo de sítio.

**Palavras-chave:** Megalitismo; arqueologia amazônica; poços funerários.

## Abstract

Megalithic structures at Northern Amapá may be described as assemblages of granitic blocks placed on hill tops in different arrangements. Since

---

<sup>1</sup> Gerência de Pesquisa Arqueológica – Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Av. Feliciano Coelho, 1509. Macapá-AP. CEP: 68901-025. Projeto financiado pelo Governo do Estado do Amapá. [mariana.cabral@iepa.ap.gov.br](mailto:mariana.cabral@iepa.ap.gov.br).

<sup>2</sup> Gerência de Pesquisa Arqueológica – Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Av. Feliciano Coelho, 1509. Macapá-AP. CEP: 68901-025. Projeto financiado pelo Governo do Estado do Amapá. [joao.saldanha@iepa.ap.gov.br](mailto:joao.saldanha@iepa.ap.gov.br).

2005, a research project developed by IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá) has one of its major goals to gather empirical data for analyzing archaeological phenomena associated to such structures. Besides new megalithic structures, various other types of sites were recorded, providing the first insights on the links between megalithic sets and surrounding landscapes. Excavations were done at one well preserved megalithic structure, allowing for new interpretations on the nature and function of this kind of site.

**Key-words:** Megalithism; Amazonian archaeology; funerary pits.

## Introdução

Os sítios arqueológicos formados por conjuntos de blocos de rocha foram referenciados na bibliografia para o Estado do Amapá já no final do século XIX, quando Emílio Goeldi realizou uma expedição ao rio Cunani (Goeldi, 1905), porção norte do Estado. Porém, foi na década de 1920, através dos registros de Curt Nimuendajú (Nimuendajú, 2000, 2004; Linné, 1928) que os sítios de “pedras enfiçadas” (Nimuendajú, 2000: 46) receberam maior atenção. Meggers e Evans (1957) também dedicaram parte de seu tempo na região a estas estruturas, porém – assim como Nimuendajú – não obtiveram muito material, relatando a identificação de poucos cacos associados aos blocos de rocha. Desde então, estas estruturas arqueológicas não mais haviam sido foco de pesquisa e apenas em dois momentos arqueólogos realizaram visitas e registros a estes sítios (Coirollo, 1996; Schaan et al, 2005).

Estas estruturas arqueológicas são conhecidas hoje ao longo de uma faixa de terra naporção Norte do Amapá, entre a linha de costa e as porções de terra firme no interior, na região de campos (Silveira, 1998). Os sítios são formados por conjuntos de blocos de rocha granítica, de variados tamanhos e organizados em diversas composições. Muitos blocos têm claras evidências de formatação, como lascamentos nas bordas, indício de preocupações com a forma das peças, mas há também blocos sem estas cicatrizes. A quantidade de blocos usados na construção das estruturas megalíticas é variável: há estruturas formadas por menos de dez blocos, enquanto outras passam de uma centena.

Os resultados apresentados aqui são oriundos de um projeto iniciado em 2005<sup>3</sup> que tem como principais objetivos: 1) levantar dados empíricos para a análise dos fenômenos arqueológicos associados com os sítios de megalitos no Norte do Amapá; e 2) envolver a comunidade local na valorização e preservação do patrimônio arqueológico. O projeto foi criado a partir de uma demanda do Governo do Estado do Amapá, interessado na potencialidade turística de um sítio megalítico (AP-CA-18: Rego Grande 1) e na valorização do patrimônio arqueológico como fonte de identidade para o Estado (i.e. Góes da Silva, 2006).

Foram realizadas escavações sistemáticas em duas estruturas megalíticas pertencentes ao sítio arqueológico AP-CA-18, durante o ano de 2006. Prospecções oportunísticas também foram feitas ao longo dos anos de 2006, 2007 e com prosseguimentos em 2008, em especial no Município de Calçoene, base das pesquisas até este momento. Estas prospecções visaram – além

---

<sup>3</sup> Este projeto foi autorizado pelo IPHAN através das Portarias nº 27, 08/02/2006; e nº 8, 07/03/2008 Proc. nº 01492.000002/2006-71.

<sup>4</sup> Uma discussão mais detalhada desta experiência em arqueologia pública será relatada em outro lugar (Cabral & Saldanha, no prelo).

da identificação e registro de sítios arqueológicos – o fortalecimento de parcerias do projeto com a comunidade local, buscando a aproximação e participação de diversos agentes<sup>4</sup>.

Uma vez que as pesquisas anteriores em estruturas megalíticas no Amapá haviam produzido escassos dados contextuais, a realização de escavações e registros sistemáticos destes sítios e de outros associados permite hoje novas interpretações sobre estes vestígios e seus produtores. A intensificação de pesquisas nesta região favorece também a construção de explicações sobre interações entre povos indígenas da região caribenha e da bacia amazônica, que ainda hoje caracterizam as redes de socialização entre os povos indígenas no Escudo das Guianas (Gallois, 2005).

## Os Modelos de Ocupação Antiga na Região Norte do Amapá

Apesar de ser uma área pesquisada desde o final do século XIX, as informações arqueológicas sobre o litoral norte do Estado do Amapá ainda são extremamente fragmentárias. Até meados do século XX, os dados eram referentes a pesquisas de caráter exploratório, visando reconhecer os fenômenos arqueológicos da região e obter exemplares para coleções de museus. É neste quadro que se inserem os trabalhos de Emilio Goeldi (1905) e Curt Nimuendajú (2000, 2004).

Um primeiro modelo para a ocupação da região só foi elaborado na década de 1950, sob influência do Evolucionismo Cultural. Nesta época, Meggers e Evans (1957) definiram três fases arqueológicas através do método Ford de seriação cerâmica. Estes autores propuseram que a cronologia cerâmica do Amapá teve início com o tipo “Piratuba Liso”. Este tipo seria representativo da chegada de um grupo ceramista na região, identificado pela “Fase Aruã”. O material classificado nesta fase foi encontrado tanto em sítios com estruturas megalíticas quanto em sítios a céu aberto. Considerando a construção de monumentos megalíticos que, segundo Meggers

e Evans, por seu caráter cerimonial exigiria um desenvolvimento religioso maior que o possível para grupos do tipo “floresta tropical”, a Fase Aruã devia ter sua origem na região circum-caribenha (Meggers & Evans, 1957: 595-596). Através de comparações com o material disponível para esta última região, a época da chegada dos grupos portadores da cerâmica Aruã no Amapá foi calculada em torno do século XIII d.C. (Meggers & Evans, 1957: 594-595).

A seqüência cerâmica é posteriormente retomada com os tipos “Jari Raspado” e “Flechal Raspado”, responsáveis pelo início da cronologia, respectivamente, das Fases Mazagão e Aristé que teriam “empurrado” a Fase Aruã para as ilhas da foz do Amazonas, em uma época pouco antes da conquista européia. A partir da semelhança entre estes dois tipos (“Jari Raspado” e “Flechal Raspado”), foi postulada uma origem única para as duas fases, o que foi denominado “grupo ancestral Aristé-Mazagão” (Meggers & Evans, 1957: 158-159). Este grupo ancestral teria, após sua invasão na área, se dividido e ocupado dois territórios distintos. Seguindo a idéia de existência de “no man’s land”, o rio Araguari representaria um território vazio, separando as duas fases. Após esta divisão, teria havido um desenvolvimento independente entre as Fases Mazagão e Aristé, marcado pelo surgimento de tipos característicos em cada região, sem evidências de contato na forma de trocas ou influências entre as fases. Ambas fases tiveram, então, um desenvolvimento relativamente curto, interrompido pela chegada dos europeus.

Ainda na década de 1950, Peter Hilbert (1957) realizou escavações em dois sítios próximos ao rio Cassiporé (região norte do Estado) que ele atribuiu à Fase Aristé. Através dos dados de suas escavações nos sítios Vila Velha e Ilha das Igaçabas, associados à cronologia cerâmica proposta por Meggers e Evans, ele sugeriu a existência de uma alteração na forma de sepultamento da Fase Aristé. Haveria, portanto, uma forma antiga, caracterizada pelo sepultamento secundário em urna funerária, e outra tardia, com deposição

em urnas de cinzas derivadas de cremação. A partir de semelhanças entre motivos cerâmicos, Hilbert também propôs uma potencial ligação histórica entre os índios Palikur, habitantes da costa norte do Amapá, e os vestígios arqueológicos associados à Fase Aristé (Hilbert, 1957: 34).

O quadro geral da ocupação da costa norte do Amapá foi refinado com a publicação da tese de Stephen Rostain (1994). Nesta tese, o autor publica os dados referentes às suas pesquisas na bacia do Oiapoque, quando realizou, além do registro de sítios, também coletas de superfície, escavações e datações radiocarbônicas. Sua tese constitui-se, hoje em dia, no modelo mais recente sobre a ocupação da região.

Primeiramente, Rostain demonstrou que a denominada Fase Aristé não se limitava ao Amapá, pois seu espaço de ocorrência ocupava também a parte sul do litoral da Guiana Francesa. As datações obtidas para contextos com cerâmica Aristé também mostraram uma profundidade temporal maior do que supunham Meggers e Evans, com uma cronologia desde o século IV até o século XV d.C.

Suas escavações e as datações absolutas obtidas forneceram dados para a construção de uma nova cronologia para a Fase Aristé. De acordo com Rostain (1994), a Fase Aristé iniciaria na região do Oiapoque na metade do primeiro milênio depois de Cristo, com o tipo “Ouana-ri Encoché”, caracterizado por antiplástico de quartzo e decorações predominantemente incisivas, da Tradição Inciso-ponteada, porém com um componente policrômico. Na metade da seqüência temporal surge o tipo “Caripo Kwep”, de Tradição Inciso-ponteada, com antiplástico de cariapé e elaboradas decorações plásticas. O último componente da seqüência é caracterizado, já a partir do século X d.C., pelo tipo “Enfer

Polychrome”, da Tradição Policrômica, com antiplástico de caco moído e pintura policrômica. Seria a partir deste componente que apareceriam as elaboradas urnas antropomorfas da Fase Aristé, bem como haveria um aumento demográfico, demonstrado pelo maior tamanho e pela maior quantidade de sítios identificados.

Esta nova cronologia, aliada a pouca expressividade do tipo cerâmico que define a Fase Aruã no Amapá<sup>5</sup>, bem como à baixa quantidade deste material na região, levaram Rostain a sugerir que os grupos humanos responsáveis pela manufatura dos tipos cerâmicos da Fase Aruã não ocuparam o Amapá, e que os poucos cacos não passariam de material intrusivo em sítios das fases Aristé e Mazagão (Rostain, 1994: 424).

O autor propôs uma articulação funcional entre os sítios Aristé na região, com a existência de sítios domésticos (habitação a céu aberto, acampamentos em abrigos rochosos), sítios funerários (abrigos rochosos, poços, deposição de urnas a céu aberto e enterradas) e, finalmente, sítios cerimoniais (megalitos). Por fim, seguindo as propostas de Nimuendajú (2004) e Hilbert (1957), Rostain ainda sugeriu que no século XVI, no início da colonização européia, os ancestrais dos atuais índios Palikur formariam parte de uma grande confederação multi-étnica, e seriam os produtores da cerâmica conhecida pelos arqueólogos como Aristé (Rostain, 1994: 495-496).

Pesquisas mais recentes, ainda que esporádicas, têm ajudado a contribuir para um aprofundamento na compreensão sobre as ocupações pré-coloniais na região. Em 2001, durante um projeto de arqueologia pública na Terra Indígena Uaçá, na bacia do rio Oiapoque, foram identificados onze sítios arqueológicos. O projeto, coordenado pela antropóloga Lesley

<sup>5</sup> A fase Aruã no Amapá é diagnosticada pelo tipo “Piratuba liso”, cuja característica principal é uma pasta temperada com caco moído. Entretanto, este tipo de pasta é também característica do tipo “Serra liso” da fase Aristé.

<sup>6</sup> O material arqueológico deste projeto foi analisado por nós no ano de 2006, mas uma síntese ainda não foi publicada.

Fordred Green, o videografista David Green e o arqueólogo Eduardo Góes Neves, buscou envolver a comunidade indígena na pesquisa, investigando aqueles sítios que estavam relacionados a eventos importantes da história dos Palikur, buscando o levantamento de histórias orais e discutindo com eles as prioridades da pesquisa e os resultados do projeto (Green et al, 2003). Um sítio com estruturas antrópicas, aparentemente de natureza defensiva, foi escavado, contendo cerâmica da Fase Aristé<sup>6</sup>. De acordo com a história oral Palikur, este sítio foi ocupado por seus antepassados durante a guerra contra os índios Galíbi, um evento que ainda hoje está marcado na história das populações indígenas do baixo Oiapoque (Capiberibe, 2007).

Outros trabalhos importantes aconteceram na margem francesa da bacia do rio Oiapoque. Escavações foram realizadas em sítios com cerâmica da Fase Aristé em Regina (Maziere, 1996), e em Saint-Georges-de-L'Oyapock (Mestre, 2006). A característica mais marcante dos sítios escavados é que todos possuíam estruturas defensivas tipo fossas e foram datados entre os séculos III e V d.C., o que possivelmente indica uma situação de instabilidade no início da sequência de ocupação dos produtores da Fase Aristé.

Resumindo, o atual quadro da pesquisa arqueológica na costa norte do Amapá permite-nos esboçar o seguinte panorama da ocupação cerâmica pré-colonial na região:

-Início da ocupação na região por grupos portadores da cerâmica Aristé ao redor do século IV d.C. Aparentemente, não há grande densidade demográfica, o que é indicado pela localização de poucos sítios. A cerâmica é temperada com quartzo e decorada com incisões e pouca pintura policrômica. A evidência de estruturas aparentemente defensivas sugere um período de instabilidade sócio-política.

-A partir do século X d.C. parece haver aumento demográfico e mudança estilística na cerâmica, incluindo o aparecimento da

policromia e de representações antropomorfas. Há uma profusão de sítios de caráter não doméstico, indicando a importância dos componentes cerimoniais/rituais neste período. A identificação de vários tipos de cemitério (em grutas, a céu aberto, em poços artificiais) parece refletir a existência de segmentações nos grupos, com alguns cemitérios restritos, com poucas urnas, ocorrendo lado a lado com grandes cemitérios a céu aberto para deposições de muitas urnas.

É neste panorama que as estruturas megalíticas estão inseridas. No entanto, apesar destes modelos gerais, inúmeras questões relativas ao modo de vida e aos processos culturais vivenciados pelas populações humanas na região continuam em aberto. Esta situação salienta a necessidade de estudos regionais que aumentem a quantidade de dados empíricos, de forma a enriquecer as interpretações e detalhar as explicações. É neste âmbito que nosso projeto foi concebido e tem se desenvolvido.

## O Registro Arqueológico na Costa Norte do Amapá

A área de pesquisa deste projeto situa-se em uma região extremamente dinâmica do ponto de vista ambiental. Durante o Holoceno, a costa atlântica do Amapá sofreu mudanças dramáticas causadas por diferentes fatores, como o sistema de dispersão do rio Amazonas e a ação de macro-marés (Silveira, 1998). Estes fatores, aliados às baixas altitudes da região, fazem com que esta paisagem esteja sujeita a constantes mudanças, com o surgimento e desaparecimento de drenagens e porções de terra, como documentado pela cartografia antiga e localização de lagos residuais em imagens de satélite (Santos, 2006). Isto torna, por vezes, a interpretação da espacialidade de antigos sítios uma tarefa difícil. Desta forma, o uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) favorece muito a análise de dados, uma vez que a espacialização de diferentes categorias de informação (sítios arqueológicos, redes

de drenagem, vegetação, etc) oferece condições para a construção de interpretações mais ricas por integrar variados conjuntos de dados.

A plataforma que utilizamos para a manipulação da base de dados espacializada

lógico-Econômico), desenvolvido no Centro de Ordenamento Territorial (IEPA), bases de dados da SEMA-AP (Secretaria Estadual de Meio Ambiente), imagens de radar e satélite (CBERS e Landsat) e o georeferenciamento

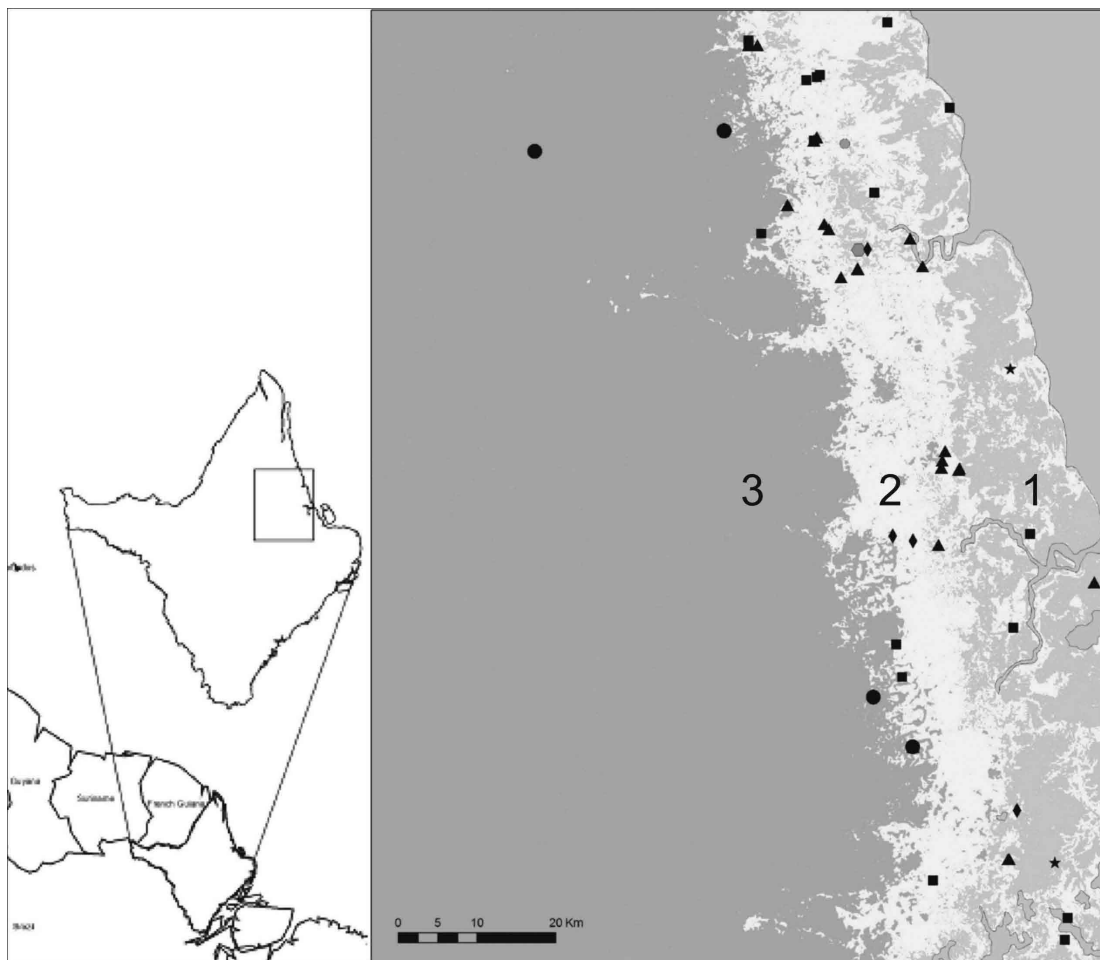


Fig. 1 - Distribuição dos sítios arqueológicos sobre as três zonas ecológicas: 1) manguezais; 2) campos; e 3) terra firme. Os sítios estão representados da seguinte forma: triângulo - estruturas megalíticas; quadrado - cerâmicas a céu aberto; octógono - grutas/abrigos; estrela - mounds; losango - polidores/amoladores; círculo claro - deposição sobre afloramento; círculo escuro - sítio histórico (Créditos: Cabral & Saldanha).

é o software ArcGis 9.1. Esta plataforma foi alimentada com planos de informação de diferentes origens, tais como o Projeto GERCO-AP (Gerenciamento Costeiro do Amapá), desenvolvido no Centro de Pesquisas Aquáticas (IEPA), o Projeto ZEE (Zoneamento Eco-

de mapas, cartas e croquis com informações sobre sítios arqueológicos. A partir daí, pudemos trabalhar com a sobreposição de informações, produzindo mapas que contribuem para a compreensão de diferentes aspectos relacionados aos sítios arqueológicos.

A partir da construção deste SIG, conseguimos fazer uma análise interessante da distribuição dos sítios arqueológicos identificados na área de pesquisa em relação aos diferentes compartimentos físico-geográficos do terreno (Figura 1). Isto permite que façamos alguns esboços sobre padrões de distribuição dos sítios na área. Atualmente, pelo menos três zonas ecológicas podem ser distinguidas na área do projeto (Silveira, 1998), fornecendo parâmetros não só locais dos sítios encontrados, mas também da relação dos habitantes destes sítios com o meio ambiente.

Ao longo da costa e cobrindo os cursos baixos dos rios são encontradas grandes florestas de manguezais crescendo sobre cabos lamosos. Associados com a floresta de mangue existem porções de campos planos que crescem sobre sedimentos Holocênicos, podendo ser diariamente

planos e baixos são interrompidos por florestas de galeria ao longo dos cursos d'água ou por áreas naturalmente altas, conhecidas localmente como "ilhas". Estas são as únicas porções de terra que escapam do alagamento durante as chuvas. A maioria dos sítios até agora conhecidos na área é encontrada no topo destas "ilhas" (Cabral & Saldanha, 2008; Coirolo, 1996; Meggers & Evans, 1957; Nimuendajú, 2004; Schaan et al, 2005).

Mais distante do litoral é encontrada a típica floresta de terra firme amazônica, em áreas mais altas, onde o embasamento granítico está mais exposto. É nesta zona ecológica que são encontrados abrigos naturais, utilizados como lugares de deposição funerária (Cabral & Saldanha, 2008; Guapindaia, 1997; Meggers & Evans, 1957).

Nossos dados de campo e as informações obtidas através de levantamento bibliográfico

Tabela 1 - Tipos de sítios arqueológicos conhecidos na área de pesquisa

Tipo de Sítio	Inéditos	Referenciados	Total
Megalitos	6	16	22
Cerâmico a céu aberto	6	9	15
Cerâmico a céu aberto com poço funerário	0	1	1
Cerâmico a céu aberto com polidores	1	0	1
Gruta ou Abrigo	0	7	7
Polidores/Amoladores	1	3	4
Aterro/Mound	0	2	2
Deposição cerâmica sobre afloramento rochoso	1	0	1
Deposição cerâmica subaquática	1	0	1
Histórico	0	1	1
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>39</b>	<b>55</b>

alagadas devido à ação das marés. Somente sítios de aterro foram encontrados até agora nesta zona (Nimuendajú, 2004; Pardi & Silveira, 2005).

Atrás desta primeira zona ecológica é encontrada uma grande faixa de campos que crescem sobre terrenos do Terciário, inundados anualmente durante a estação das chuvas. Estes campos

(Coirolo, 1996; Guapindaia, 1997; Hilbert, 1957; Linné, 1928; Evans, 1950; Maia Melo Engenharia, 2004; Meggers & Evans, 1957; Nimuendajú, 2000, 2004; Pardi, 2001; Pardi & Silveira, 2005; Schaan et al, 2005) permitiram a construção de uma base de dados sobre sítios arqueológicos na área do projeto que hoje conta

com 55 registros, distribuídos em dez tipos, como pode ser visto na tabela abaixo:

Como será discutido abaixo, chama atenção a diversidade de tipos de sítios voltados a contextos especiais, não-habitacionais. Além das estruturas megalíticas e abrigos funerários, referenciados na bibliografia como sítios cerimoniais, nossas prospecções identificaram outros dois tipos de sítios inéditos para a área, e – considerando seus contextos e material associado – de caráter claramente votivo. São duas formas de deposição cerâmica: sobre afloramento rochoso e dentro de rios/igarapés. Apesar de só conhecermos um sítio de cada tipo, recebemos informações orais de outros sítios similares.

As deposições em fundo de rio, em especial, são relativamente conhecidas pelos ribeirinhos, que costumam pescar em apnéia, e de garimpeiros, que mergulham com equipamentos (ainda que precários). Apesar de contextos praticamente desconhecidos para a arqueologia, já que nenhum destes sítios foi pesquisado, as peças que recebemos de um destes sítios, no Igarapé Tracajatuba, em Calçoene, têm características diversas das peças encontradas nos sítios em superfície. Além de formatos naviformes, elas passaram por um processo de queima mais intenso, resultando em cerâmicas mais resistentes, o que parece indicar a intenção em colocá-las dentro da água. É interessante ressaltar ainda que tanto o sítio registrado, quanto os informados oralmente, estão situados em curvas dos rios/igarapés, nos chamados “poços”. Alguns relatos sugerem também que as peças estão organizadas em arranjos, o que exige bastante cautela, já que o movimento da água é um fator importante a considerar.

Outra questão que salientamos é a baixa frequência de sítios habitacionais. Esta situação, no nosso entender, está diretamente relacionada com o desvio causado por prospecções oportu-

nísticas, que também realizamos. A menor visibilidade destes sítios, considerando a efemeridade das construções indígenas de habitação, dificulta sua identificação. Os sete sítios cerâmicos a céu aberto que identificamos estavam em áreas de roça atual ou antiga, mas, considerando a baixa expansão agrícola na região, muitos sítios devem estar invisíveis atualmente. Prospecções interventivas ou geofísicas são algumas das soluções possíveis para esta situação, exigindo investimentos significativos.

Com exceção do sítio histórico e dos sítios de polidores/amoladores sem material associado, todos os outros sítios parecem estar associados com a Fase Aristé. Esta é uma suposição, já que nem todos os sítios tiveram material coletado e descrito, mas está baseada nas informações que temos reunido desde o início do projeto, tanto bibliográficas quanto laboratoriais, estas últimas realizadas por nós na coleção do Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva (MHJCS – Macapá) e no material que coletamos até o momento. Esta situação reforça o modelo proposto por Rostain (1994), no sentido de caracterizar para toda essa região uma única fase cerâmica pré-colonial<sup>7</sup>.

## As Escavações no Sítio Ap-Ca-18

Uma vez que um dos objetivos do projeto era a compreensão da natureza e função de estruturas megalíticas na região e, considerando que o Governo do Estado – que financia o projeto – tem intenções de criar um parque aberto à visitação no sítio AP-CA-18, nossos esforços foram concentrados na escavação de duas estruturas megalíticas neste sítio.

Este sítio está inserido em um complexo de colinas junto à planície alagadiça do igarapé

---

<sup>7</sup> A presença de material lítico é muito baixa nas coleções arqueológicas da região e é basicamente caracterizada por peças polidas.



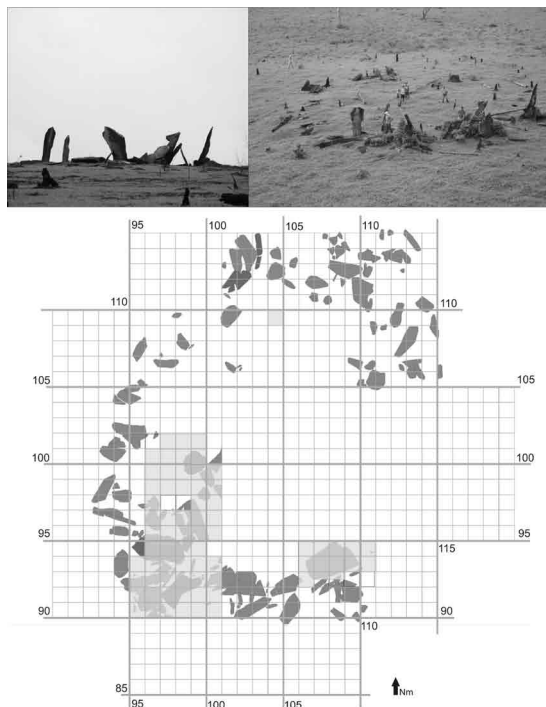


Fig. 2 - A Área 1 do sítio AP-CA-18 e a malha de escavação (em destaque as quadrículas escavadas) (Créditos: croqui - Cabral & Saldanha; foto esquerda - M. Cabral; foto direita - G. Nascimento).

Rego Grande. Ele compreende quatro áreas de ocorrências arqueológicas. As Áreas 1 e 2 apresentam estruturas megalíticas inseridas no topo das colinas. As Áreas 3 e 4, caracterizadas pela concentração de fragmentos cerâmicos, estão localizadas na planície junto ao igarapé. Testes em uma destas últimas áreas indicaram ainda a presença de solo antropogênico escurecido, além de marcas de buracos de poste, relacionando estes locais a possíveis áreas de habitação ou atividade específica.

Apesar das escavações concentrarem-se na Área 1, um pequeno corte estratigráfico foi realizado na Área 2. Esta área é caracterizada por duas pequenas estruturas de placas graníticas depositadas horizontalmente. A escavação foi realizada no centro de um conjunto de cinco placas alinhadas, com uma área escavada de 4 m<sup>2</sup>.

Aos 10 cm de profundidade, foi possível notar uma estrutura de deposição de fragmentos cerâmicos no entorno das rochas, formada por fragmentos não-remontáveis, ou seja, trazidos de outro local já fragmentados. A densidade de fragmentos diminuía gradualmente ao afastar-se das placas, desaparecendo por volta de um metro de distância.

Após a completa exposição das placas na área escavada da estrutura, elas foram removidas, e foi possível observar duas pequenas covas circulares escavadas na laterita estéril, medindo 50 cm de diâmetro e 50 cm de profundidade, cada uma. No interior de cada cova foram encontradas duas vasilhas inteiras, cujo conteúdo não continha restos ósseos macroscópicos. Para nós, estes dados reforçam a diversidade de formas de deposição especial que estes grupos indígenas praticavam, em um processo de apropriação e transformação de paisagens (Thomas, 1996).

As escavações na Área 1 também refletem esta diversidade. Esta área compreende uma estrutura megalítica de grande porte, inserida no topo plano de uma colina que mede aproximadamente 150 x 80 m de diâmetros. A estrutura megalítica é formada por um círculo de rochas dispostas em posições horizontais, verticais e inclinadas, com diâmetro máximo de 30 m (Figura 2).

As escavações realizadas foram abertas em área ampla, com objetivo de compreender os depósitos arqueológicos ao longo do espaço escavado, bem como obter indicações sobre o processo de construção de uma estrutura megalítica. Ao todo foram abertas 72 quadrículas de 1 x 1 metro, abrangendo um pouco mais de 14% da estrutura.

Um dos principais problemas levantados para a escavação foi compreender a estrutura de inserção dos blocos em posição vertical e inclinada, de forma a entender não só como eram sustentados, mas também verificar a possibilidade de deslocamento de suas posições originais. Escolhemos então escavar a base de um monólito quebrado. Fizemos um corte de

2 x 1 metros, abrangendo cerca de 90% de sua base. Até 20 cm de profundidade, havia uma estrutura de deposição de cerâmica de caráter votivo. Logo abaixo, a camada estéril de laterita tornava-se evidente, com exceção da área no entorno imediato do bloco, que ainda possuía um sedimento mais fino contendo fragmentos cerâmicos e placas menores de granito, além de blocos de laterita. Com a escavação dessa estrutura foi possível compreender que este sedimento diferenciado referia-se à fossa escavada para inserção do monólito, ou seu alvéolo (Calado, 2002).

No nível 20-30 cm, foram notados grandes blocos de laterita e placas de granito sustentando a rocha dentro da fossa. Notamos que o alvéolo não é muito maior que a rocha que ele sustenta, havendo no máximo 15 cm de distância entre o bloco e suas paredes. A “folga” entre a borda da fossa e a rocha é preenchida com blocos de laterita e pequenas placas de granito, de modo a sustentar o monólito em pé. O detalhe da colocação dos blocos menores, reforçando a sustentação do monólito, indica uma preocupação dos construtores em manter uma inclinação específica do bloco, reforçando as interpretações de alinhamentos de megalitos com o sol (ver abaixo).

Aos 50 cm de profundidade, a laterita torna-se mais consolidada, formando uma rocha, denominada carapaça laterítica. Aos 70 cm de profundidade, foi encontrada a base do monólito, colocada diretamente sobre a laterita consolidada (carapaça). Assim, a base da rocha encontrava-se reforçada não só por placas e blocos de rocha colocados como calçamento, mas também pelo fato da fossa ser escavada até 20 cm abaixo da carapaça laterítica, oferecendo uma fundação mais estável para o bloco. O que a escavação desta base indica é uma sólida estrutura de sustentação dos monólitos, reforçando a interpretação que as inclinações das rochas são intencionais, e não resultado de alterações pós-deposicionais.

As escavações também mostraram, em dois casos, que as placas depositadas horizontalmente no sítio estão relacionadas com poços funerários, em uma situação semelhante ao sítio no

Cunani, descrito por Goeldi (1905). A primeira estrutura deste tipo foi denominada Poço 1 (Figura 3). Em superfície, era possível visualizar a placa

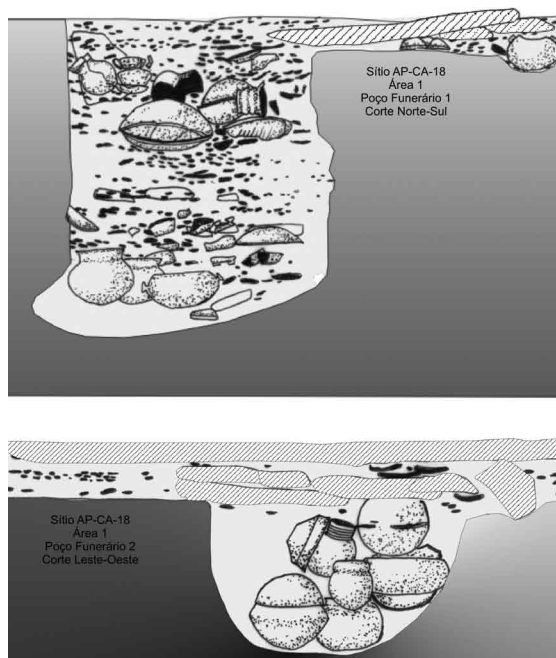


Fig. 3 - Cortes dos dois poços funerários escavados no sítio AP-CA-18 indicando a deposição de vasilhas e fragmentos (Crédito: J. Saldanha).

granítica em posição horizontal e formato octogonal, produzido através de lascamentos. No entorno da placa e, parcialmente, sobre ela, uma grande densidade de fragmentos cerâmicos estava depositada, formando uma ampla estrutura de deposição. Ao retirarmos a placa e escavarmos esta estrutura de deposição cerâmica, notamos uma estrutura circular, escavada na laterita, com 1,6 m de diâmetro. Ela estava completamente preenchida com grandes fragmentos cerâmicos e indicava a borda do Poço 1. Embora a placa retirada não estivesse exatamente sobre a boca do poço, mas deslocada, posteriormente a interpretamos como uma tampa, que deve ter sido removida pelos construtores durante uma revisita à estrutura, como veremos adiante. Ao continuar a escavação do Poço 1, uma grande densidade de fragmentos persistia, como uma continuidade da deposição cerâmica no entorno da placa.

O poço ficou perfeitamente evidente em níveis mais baixos, com forma circular e preenchido com grandes fragmentos, remontáveis, mas extremamente quebrados, indicando que foram depositados sem cuidado na estrutura. Aos 40 cm de profundidade, foi notado que havia concentrações de ossos humanos cremados em alguns destes vasilhames remontáveis, indicando seu uso funerário.

Foram identificados fragmentos cerâmicos até 150 cm de profundidade, quando foi observada uma câmara lateral, orientada para norte e leste. Nesta câmara lateral, três vasilhas intactas foram encontradas. Uma clara diferença na preservação e na deposição destas vasilhas em relação às outras encontradas neste poço, completamente fragmentadas, indica mudanças na forma de deposição. Enquanto as últimas parecem ter sido jogadas para dentro do poço, aquelas ao fundo foram cuidadosamente arranjadas na câmara lateral.

Nos níveis de base do poço (170-190 cm), muito pouco material foi encontrado. O fato

das vasilhas completas estarem 20 cm acima da base original do poço indica que estes vasilhames não foram colocados logo após a construção da estrutura. Nós interpretamos isto como uma reutilização do poço. O que escavamos é o resultado de uma revisita, implicando a retirada do material originalmente colocado, a deposição das três vasilhas ao fundo e o entulhamento do poço com outras vasilhas e fragmentos, possivelmente provenientes da deposição original.

Outro poço funerário (Poço 2) que escavamos está localizado na porção sudeste da estrutura megalítica, embaixo de uma grande placa granítica de 3,4 x 2,6 m. Desde o início da escavação, notamos que a deposição desta estrutura era bastante diferente daquela do Poço 1. Ao invés da grande densidade de cerâmica, encontramos apenas escassos fragmentos. Após a completa exposição da placa, ela foi removida e foi possível observar uma estrutura circular, construída com placas menores de granito, também em posição horizontal. Após a remoção destes blocos, foi possível delimitar a

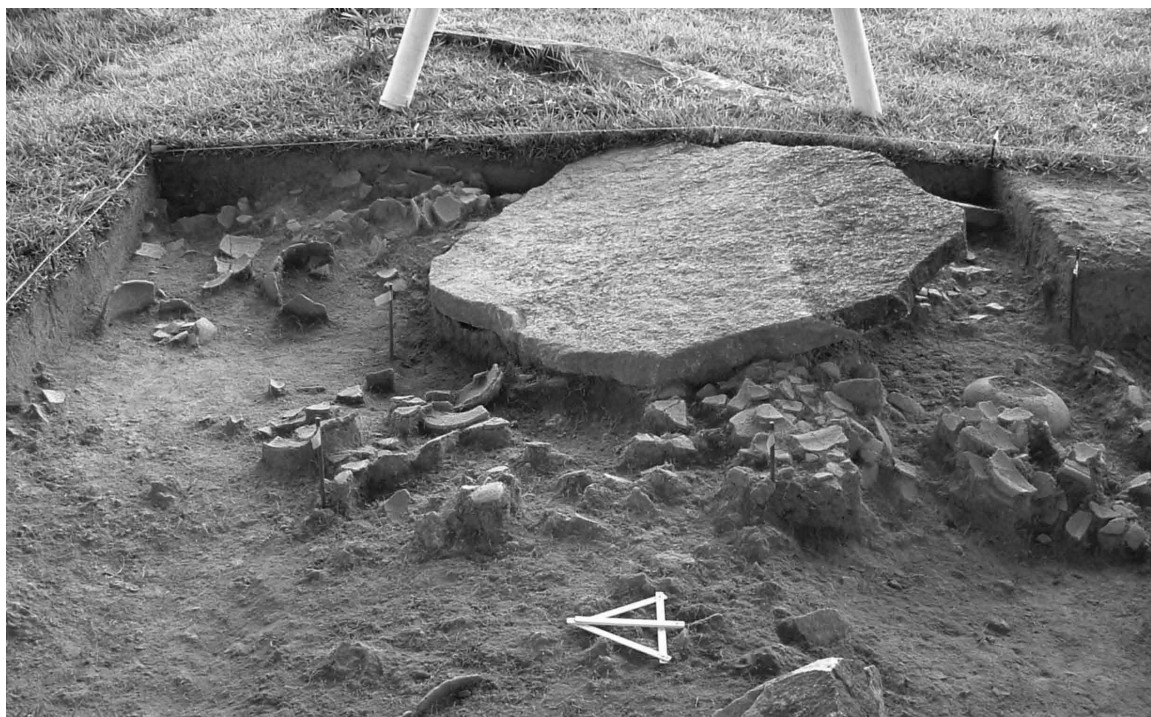


Fig. 4 - Ampla deposição de fragmentos e vasilhas cerâmicas no entorno do Poço 1, ainda não aparente nesta imagem (Crédito: M. Cabral).

boca deste segundo poço, com formato circular, medindo 1,5 m de diâmetro. Da boca até 80 cm abaixo da superfície, onze vasilhas inteiras foram encontradas, cuidadosamente colocadas dentro do poço, que não tinha câmara lateral (Figura 3). Ao menos duas vasilhas são urnas funerárias, com ossos cremados e não cremados. Pelo tipo de deposição, ficou claro que este poço nunca fora reaberto pelos seus construtores ou descendentes.

É interessante ressaltar que existe um variado conjunto de diferenças entre os Poços 1 e 2, não somente na questão de forma ou tipos de conteúdos. Embora ambos tenham um caráter funerário, as atividades performadas em cada um são diferentes. Enquanto o que encontramos no Poço 2 é o resultado de apenas um evento funerário, o Poço 1 foi certamente reaberto e reutilizado. Quando reaberto, outra atividade foi performada. Estas diferenças sugerem diversidade de práticas mortuárias, implicando também que a visita a ancestrais poderia também lidar com o contato físico com restos mortais. Morte, neste sentido, não seria uma ausência definitiva.

Mas para além de atividades funerárias, outras estruturas encontradas durante as escavações indicam outros tipos de deposições especiais no sítio. Uma destas estruturas é a deposição de vasilhas inteiras em fossas rasas, parcialmente escavadas na laterita estéril, e posteriormente forradas com fragmentos cerâmicos antes da deposição das vasilhas. A escavação do conteúdo destas vasilhas não sugere deposição funerária, devido à ausência de restos ósseos macroscópicos.

Outras estruturas são caracterizadas por densas concentrações de fragmentos cerâmicos, que sugerem deposições intensivas em alguns locais do sítio (Figura 4). Algumas destas deposições são bastante extensas, podendo chegar a mais de dois metros de diâmetro máximo e 30 cm de espessura, enquanto outras são pequenas e restritas, dando a impressão de serem pequenos “caches” de fragmentos envoltos em algum tipo de recipiente orgânico não preservado. As observações em campo permitem afirmar que estes depósitos foram feitos com o material já fragmentado e misturado, e não vasilhas inteiras depositadas e posteriormente fragmentadas.

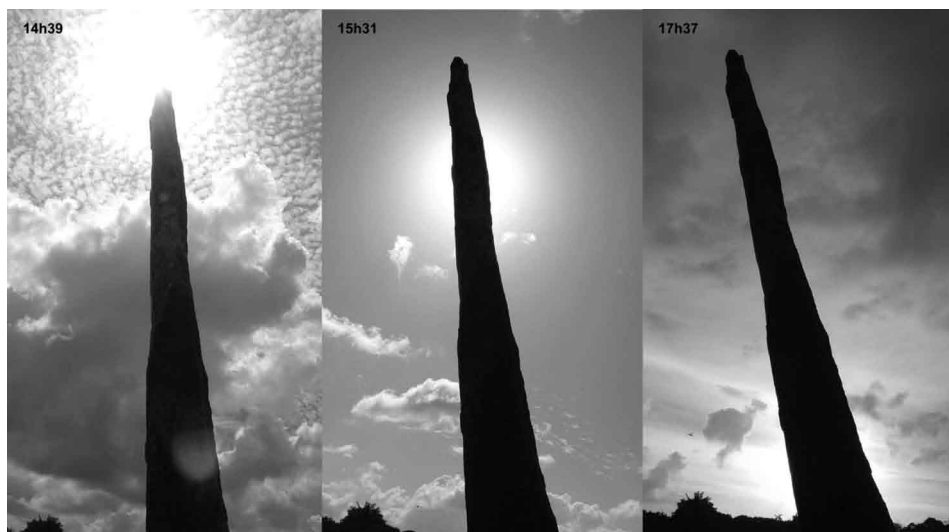


Fig. 5 - Durante a tarde solsticial, a trajetória do sol segue a inclinação do monólito (Crédito: M. Cabral).

<sup>8</sup> Centro de Ordenamento Territorial.

Porém, vasilhas quebradas *in situ* também foram encontradas. Nestes casos, as vasilhas cerâmicas estavam diretamente relacionadas com monólitos em pé, como uma espécie de oferenda, demonstrando seu caráter votivo. Foi notado que os fragmentos estavam fortemente erodidos, contrastando com outros fragmentos soltos encontrados no entorno, indicando a exposição das vasilhas às intempéries antes de sua fragmentação.

As escavações no sítio AP-CA-18 indicam que ele é formado por um palimpsesto de diferentes tipos de deposição e modificações de estruturas dentro do recinto megalítico. Uma cronologia precisa de cada um dos eventos que formaram o sítio é quase impossível de definir e exigirá uma exaustiva remontagem dos fragmentos cerâmicos escavados, assim como uma série de datações absolutas no sítio, o que ainda não conseguimos alcançar.

Estes eventos ocorridos no sítio podem ser assim descritos: episódios de abertura de fossas para inserção de monólitos em ângulos e alinhamentos específicos; diferentes tipos de deposição de cerâmica (ritualmente mortas, deposição de fragmentos, vasilhas inteiras colocadas aos pés dos monólitos); abertura de poços de diferentes tamanhos para deposição funerária e seu fechamento com blocos de rocha; reabertura destes poços e modificações do material no seu interior juntamente com novas deposições. Assim, além de ser um cemitério, outros tantos tipos de deposição cerâmica no sítio indicam que a estrutura foi usada com múltiplas funções, ainda que todas relacionadas a cultos ou rituais.

## Implicações Astronômicas para o Sítio Ap-Ca-18

Uma das primeiras observações sobre este sítio arqueológico, realizada pelo meteorologista José Elias Ávila (COT<sup>8</sup>-IEPA) durante sua primeira visita à área, em Novembro de 2005, relacionava a inclinação de um bloco de rocha com o fenômeno do solstício. Ainda que a linha de pesquisa em arqueoastronomia não seja uma

especialidade da equipe, os registros realizados até o momento permitem algumas interpretações interessantes sobre a utilização deste sítio por seus construtores como um marcador temporal ou observatório astronômico. A partir de nossas observações, há ao menos duas correlações entre blocos de rocha e o solstício de Dezembro.

A partir da observação da inclinação e posicionamento de um dos blocos de rocha, José Elias Ávila propôs que durante o solstício de Dezembro o bloco poderia ficar sem sombra, indicando seu alinhamento com o sol. Esta observação foi realizada nos últimos três anos durante o solstício de Dezembro, resultando na confirmação da posição perfeitamente alinhada do bloco de rocha com o sol neste período. Também a observação deste bloco de rocha durante a tarde do solstício levou à percepção de que o inclinamento do bloco indicava também a trajetória do sol em direção ao poente (Figura 5).

A segunda correlação observada entre o solstício de Dezembro e a estrutura de blocos de rocha envolve um alinhamento entre as extremidades de dois blocos de rocha e o posicionamento do sol ao nascer. De tal forma que no nascer do sol solsticial os três pontos ficam alinhados. Esta relação foi observada nos últimos dois anos.

Estas observações favorecem a interpretação de que este sítio arqueológico teve uso também como local para a observação do solstício. Considerando ainda o caráter cíclico do solstício, é possível também imaginar que esta data marcasse uma temporalidade para o grupo que utilizava o sítio, servindo também como um marcador temporal concreto.

Apesar da congruência das duas observações, relacionando a estrutura de blocos de rocha com o solstício de Dezembro, conectando ao menos três blocos de rocha nessa relação, possibilidades de deslocamento pós-deposicional dos blocos não podem ser descartadas. Como descrito acima, as escavações na base de um monólito quebrado levaram à observação de uma estrutura de sustentação do bloco bastante cuidadosa, com utilização de blocos menores para

calçar e posicionar o bloco em pé. Esta situação reforça a interpretação de que os blocos relacionados com o solstício de Dezembro foram assim colocados propositadamente, e a precisão de seus posicionamentos decorre justamente da intencionalidade em marcar este fenómeno.

Ainda que o conhecimento de fenómenos celestes seja difundido entre grupos ameríndios, portadores de amplo conhecimento astronômico (i.e. Green & Green, 2006; Campos, 2006), este sítio arqueológico oferece ótimas condições para o estudo do conhecimento sobre o céu por grupos amazônicos antigos. Isto ocorre porque este tipo de conhecimento foi aqui, mais do que utilizado, transformado em cultura material não-perecível, repetindo observações arqueológicas já notadas na periferia sul da Amazônia (Heckenberger, 2004). Desta forma, o sítio é a concretização de um conhecimento, a transformação de algo tão efêmero como a observação da natureza em uma estrutura sólida e duradoura.

## Discussão

As ações realizadas até o momento têm um caráter ainda exploratório, que se justifica pelo conhecimento restrito que tínhamos da área de pesquisa no início do projeto e também - no caso das prospecções - por dificuldades na visibilidade dos sítios em superfície. Sendo uma área de baixa densidade demográfica e mínima expansão agrícola, notamos uma grande dificuldade em observar sítios arqueológicos apenas com o percorrimto pedestre de terreno, levando-nos a realização de prospecções oportunísticas.

Porém, apesar de ter resultado na identificação de 16 novos sítios arqueológicos na área, a prospecção oportunística tende à identificação de sítios com maior visibilidade. Portanto, seus resultados precisam sempre ser analisados com cautela, pois dificilmente refletem a variedade e a densidade de sítios arqueológicos em uma área. Ainda que cientes desta limitação, optamos por construir interpretações tentativas a respeito da implantação dos sítios na paisagem, procurando dar sentido aos dados disponíveis.

A carência de dados contextuais em sítios nesta região também dificulta a construção de novas explicações para estes conjuntos, pois as informações ainda são muito dispersas e generalizadas. O trabalho que temos nos investido neste projeto visa exatamente criar condições para novas possibilidades interpretativas, buscando a aplicação de outros aportes teóricos e produzindo novos conjuntos de dados. Ainda que tentativamente, o que apresentamos ao longo deste artigo é o resultado deste esforço.

Retomando a inserção dos sítios em diferentes zonas ecológicas, podemos criar algumas interpretações sobre a distribuição dos sítios e a construção de paisagens arqueológicas (Figura 1). Há dois padrões recorrentes: a presença de sítios de megalitos sobre a região de campos e de abrigos funerários em terra firme. A localização dos abrigos funerários na porção de terra firme era esperada, pois estes sítios estão situados sobre amplos maciços rochosos, localmente chamados de 'montanhas'. Como esta é uma paisagem de baixas altitudes, estas montanhas são visíveis a grandes distâncias, tornando-se marcadores espaciais privilegiados. A escolha

---

<sup>9</sup> Fazemos esta ressalva porque, uma vez junto à montanha, nem sempre é fácil localizar o abrigo, como já descreveu Nimuendajú (2004: 38) e nós vivenciamos tal experiência em campo.

<sup>10</sup> Goeldi (1905) é a referência clássica, com o caso do Monte Curu, mas descrições de Roseno Sarmento dos Santos, morador de Calçoene que abriu alguns poços funerários, indicam padrões semelhantes. Também nossas escavações no sítio AP-CA-18 evidenciaram um poço funerário intacto, porém as vasilhas tinham pouca decoração (Cabral & Saldanha, 2008).

por estes pontos como local para a deposição de mortos certamente não é casual, refletindo o que podemos chamar de presença marcante dos ancestrais para esta população. Ou seja, os cemitérios são bem visíveis, ao menos para quem os conhece<sup>9</sup>. Considerando, então, a alta visibilidade das montanhas e a recorrência de abrigos funerários sobre elas, podemos entendê-las como pontos importantes de antigas paisagens culturais.

Esta relação sugerida entre mortos e visibilidade também é reforçada por outros elementos do registro arqueológico. Nos abrigos funerários, as urnas costumam estar apenas depositadas sobre o solo, oferecendo ao visitante o contato imediato com o aparato funerário. Assim, os mortos ali depositados estão sempre disponíveis ao visitante do abrigo, não apenas visualmente, como também materialmente. A entrada nestes abrigos pode ser vista, então, não apenas como uma visita a um cemitério, mas também como um encontro com ancestrais, como já sugerido por Guapindaia para contextos ao sul do Estado (Guapindaia, 2001).

Contribuindo para esta linha de associação entre mortos e visibilidade, as urnas funerárias características destes abrigos têm formas complexas, comumente antropó ou zoomorfas, e decorações plásticas e pintadas ricamente elaboradas. Ainda que haja casos em que estas urnas estão seladas dentro de poços funerários<sup>10</sup>, o esmero na manufatura destas vasilhas pode estar associado, entre outras coisas, com a visibilidade que elas têm como urnas funerárias, expostas ou não. Peças para serem vistas. Mortos para serem vistos.

Considerando que também em estruturas megalíticas há deposições funerárias, como descrito por Goeldi (1905) e encontrado no sítio AP-CA-18, novamente podemos fazer a associação visibilidade-mortos. Não há dúvidas que as estruturas megalíticas também marcam a paisagem de maneira significativa, o que inclusive facilita a localização delas hoje, pois os moradores locais têm facilidade em identificá-las. Ainda que em escalas absolutamente diversas, monta-

nhas e megalitos são pontos visíveis da paisagem e, possivelmente, complementares. Elementos de uma mesma gramática, mas com composições diferenciadas.

É interessante ressaltar também a quantidade de lugares especiais presentes nas paisagens arqueológicas da região, sejam lugares de construção de monumentos ou depósitos sobre lugares naturais. Existem 32 sítios deste tipo: 22 estruturas megalíticas, sete abrigos funerários, um depósito funerário exposto, uma deposição sobre afloramento e um depósito subaquático. Embora estes tipos de sítio tenham uma maior visibilidade arqueológica do que os sítios domésticos e não sejam necessariamente contemporâneos, eles mostram uma paisagem rica em lugares especiais. A natureza aberta de alguns destes depósitos (como sobre afloramentos, em abrigos e nas estruturas megalíticas) implica visitas ao local e atos performativos. As escavações na estrutura megalítica do sítio AP-CA-18 demonstraram exatamente este tipo de performance, com uma variedade de deposições votivas e muitas revisitas ao monumento.

Em relação aos sítios megalíticos, é interessante ressaltar que eles estão sempre localizados em áreas não-inundáveis, sobre elevações naturais do terreno. Entre os sítios megalíticos que visitamos, notamos ainda que esta situação oferece uma mudança de paisagem entre a estação seca e a chuvosa, pois as terras baixas no entorno das estruturas inundam temporariamente, transformando algumas destas elevações em verdadeiras ilhas. Ainda que mais pesquisas sejam necessárias, podemos sugerir que a escolha dos locais para a construção de estruturas megalíticas deve ter levado em consideração estas características. Assim, as terras mais baixas na linha de costa e as terras mais altas para o interior dificilmente ofereceriam situações como esta.

Desta forma, percebemos que o padrão de distribuição de ao menos dois tipos de sítios arqueológicos na área do projeto está relacionado com a percepção que aquelas populações tinham da paisagem natural. Nesse sentido, consideran-

do que tanto abrigos funerários quanto estruturas megalíticas são sítios especiais, de atividades rituais ou cerimoniais, torna-se ainda mais interessante pensarmos a construção das paisagens culturais destas populações em relação às características físico-ambientais disponíveis. Esta é uma construção que lida com a manipulação dos espaços naturais, imprimindo significados, mas também transformações materiais em um processo de apropriação do mundo (Ingold 2000; Tilley, 1994). Diferente da ótica do determinismo ambiental, o que propomos aqui é a existência de uma relação mais dialética entre as pessoas e o ambiente.

Nesse sentido, além da paisagem na terra, a percepção de uma paisagem no céu pode ser uma linha interessante de pesquisa. O céu noturno, a exemplo do relatado sobre os índios Palikur (Passes, 2004), pode refletir uma geografia da terra. Se considerarmos ainda o saber relativo ao movimento solar, impresso nos alinhamentos observados no sítio AP-CA-18, temos mais um elemento para considerar: o céu também como um espaço apropriado.

É claro que ainda precisamos de mais dados contextuais para avançar nestas e em outras interpretações, em especial porque carecemos de escavações amplas em todos os tipos de sítios arqueológicos presentes nesta área. De fato, foi apenas a partir deste projeto que conseguimos realizar a primeira escavação ampla em uma estrutura megalítica no Amapá. Isto é tanto mais surpreendente ao considerarmos o interesse que essas estruturas têm despertado em pesquisadores desde o século XIX (Evans 1950; Goeldi 1905; Meggers & Evans 1957; Nimuendajú 2000, 2004).

As escavações que realizamos durante este projeto no sítio AP-CA-18, as coletas em outros sítios megalíticos e as análises do material cerâmico desenvolvidas até o momento indicam que o material cerâmico associado aos sítios megalíticos é exclusivamente característico da Fase Aristé, contrariando – como já alertava Rostain (1994) – o modelo proposto por Meggers & Evans (1957). Para além desta constatação, o que nossas

pesquisas recentes oferecem são dados contextuais sobre a deposição de material arqueológico em um sítio megalítico. As escavações sistemáticas permitiram a identificação de diferentes tipos de atividades ocorridas nesta estrutura.

A visita a outros sítios megalíticos, associada a coletas em alguns deles, sugerem que muitos – senão todos – sítios deste tipo tiveram uso como cemitério, com a construção de poços funerários. Para nós ainda não é claro se há um padrão para o uso e deposição destes poços. As descrições de Goeldi (1905) para o Cunani apontam para poços ocios e vasilhas cuidadosamente colocadas. No sítio AP-CA-18 escavamos dois poços funerários com características diversas. Ambos estavam cobertos com um bloco rochoso, a guisa de tampa, como encontrado no Cunani. No entanto, um deles fora visivelmente remexido durante alguma revisita antiga, com a deposição de novas peças e a quebra de muitas vasilhas, inclusive urnas antropomorfas. O outro poço funerário estava intacto. Mais de dez vasilhas inteiras foram cuidadosamente depositadas no seu interior, umas sobre as outras, até sua borda. No momento da escavação, ele estava completamente preenchido de terra, mas não conseguimos definir se este sedimento depositou-se por lixiviação ou se fora colocado intencionalmente na época da deposição das vasilhas. De qualquer forma, é um contexto diferente do descrito por Goeldi, assim como também são os relatos de moradores locais que abriram poços funerários. O elemento recorrente é associação com as estruturas megalíticas, além da existência de várias urnas em um mesmo poço.

O interessante, portanto, com o desenvolvimento deste projeto são as muitas possibilidades de pesquisa e interpretação que começam a ser abertas. Com a intensificação de trabalhos de campo e a análise em laboratório das coleções arqueológicas, em conjunto com discussões com outras áreas, como geomorfologia e antropologia, a arqueologia nesta porção do Amapá ganha novas e interessantes perspectivas.



## Agradecimentos

Nós agradecemos a confiança e o apoio financeiro do Governo do Estado do Amapá e o apoio logístico do IEPA, da SETEC (Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia) e da SEMA (Secretaria Estadual de Meio-Ambiente) viabilizando as inúmeras etapas de campo. Agradecemos em especial a Klaus Hilbert e ao outro parecerista anôni-

mo pelas críticas e sugestões à primeira versão deste artigo. E partilhamos nossa gratidão com todos aqueles que auxiliaram nas atividades de campo e laboratório.

Artigo submetido à Revista da SAB em abril de 2008. Aprovado em junho de 2008.

## Referências Bibliográficas

- CABRAL, M.P. & J.D.M. SALDANHA. 2008. *Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno, AP: Relatório Final para IPHAN*. Macapá, IEPA.
- \_\_\_\_\_. No Prelo. Um Sítio, Múltiplas Interpretações: O Caso do 'Stonehenge' do Amapá. Manuscrito.
- CALADO, M. 2002. *Menires do Alentejo Central*. Lisboa, Centro de Arqueologia/ FLUL, Universidade de Lisboa.
- CAMPOS, M.D.O. 2006. A cosmologia dos Caiapó. *Scientific American Brasil*, 14: 62-71.
- CAPIBERIBE, A. 2007. *Batismo de Fogo: os Palikur e o Cristianismo*. São Paulo, Annablume/FAPESP/Nuti.
- COIROLLO, A.D. 1996. *Salvamento Arqueológico no Município de Calçoene*. Belém, MPEG.
- EVANS, C. 1950. *The Archaeology of the Territory of Amapá, Brazil (Brazilian Guiana)*. Tese de Doutorado. Department of Anthropology, Columbia University.
- GALLOIS, D. (Ed.). 2005. *Redes de Relações nas Guianas*. São Paulo, Série Redes Ameríndias - NHII-USP, Associação Editorial Humanitas & FAPESP.
- GOELDI, E. 1905. *Excavações Archeológicas em 1895. 1ª parte: As Cavernas Funerarias Atificias dos Índios Hoje Extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua Ceramica*. Belém, Série Memórias do Museu Goeldi.
- GÓES DA SILVA, A.W. 2006. Identidade Fortalecida. In: SEBRAE/AP. *O Legado das Civilizações Maracá e Cunani: o Amapá Revelando sua Identidade*. Macapá, SEBRAE/AP.
- GREEN, L.F. & D.R. GREEN. 2006. *Kayeb: A Constelação Anaconda Bicéfala dos Palikur*. Cape Town. 1-8p.
- GREEN, L.F. et al. 2003. Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá. *Journal of Social Archaeology*. (3) 3: 365-397.
- GUAPINDAIA, V. 1997. *Relatório de Viagem à Macapá e Calçoene*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi.
- \_\_\_\_\_. 2001. Encountering the Ancestors. The Maraca Urns. In: MCEWAN, C., C. BARRETO & E.G. NEVES. *The Unknown Amazon. Culture and Nature in Ancient Brazil*. London, British Museum Press.
- HECKENBERGER, M. 2004. *The Ecology of Power: Culture, Places and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000*. Londres, Routledge.
- HILBERT, P.P. 1957. *Contribuição à Arqueologia do Amapá: Fase Aristé*. Belém, Boletim do MPEG (Antropologia 1).
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London, Routledge.
- LINNÉ, S. 1928. Les Recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, Tome XX : 71-89.
- MAIA MELO ENGENHARIA. 2004. *Plano Básico Ambiental Rodovia BR-156/ AP: Rio Tracajatuba/ Igarapé do Bren/ Oiapoque*. Macapá, SETRAP.
- MAZIERE, G. 1996. Regina-Kaw Montagne Favard. In: DRAC Guyane. Bilan Scientifique.
- MEGGERS, B.J. & C. EVANS. 1957. Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, 167: 1-664.

- MESTRE, M. 2006. *SAINTE GEORGES DE L'OYAPOCK Piste provisoire du pont de l'Oyapock (Guyane Française), Rapport de Diagnostic*. INRAP
- NIMUENDAJÚ, C. 2000. *Cartas do Sertão: de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Lisboa, Assírio & Alvim/ Museu Nacional de Etnologia.
- \_\_\_\_\_. 2004. In Pursuit of a Past Amazon - Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. In: STENBORG, P. *In Pursuit of a Past Amazon - Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region by Curt Nimuendajú: A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg*. Goteborg, Ethnological Studies.
- PARDI, M.L. 2001. *Relatório de Viagem para Verificação de Informações Arqueológicas no Setor Estuarino do Estado do Amapá (15 à 24/10/01)*. Brasília, IPHAN.
- PARDI, M.L. & O.F.M. SILVEIRA. 2005. Amapá: Gestão do Patrimônio Arqueológico e o Programa Estadual de Preservação. In: *Anais Eletrônicos do XIII Congresso da SAB: arqueologia, patrimônio e turismo*. Campo Grande, Ed. Oeste.
- PASSES, A. 2004. The Gathering of the Clans: The Making of the Palikur Naoné. *Etnohistory* (51) 2 : 257-291.
- ROSTAIN, S. 1994. *L'Occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral de Guyane*. Tese de Doutorado. Paris, Centre de Recherche en Archéologie Précolombienne (CRAP), Université de Paris I.
- SANTOS, V.F. 2006. *Ambientes Costeiros Amazônicos: Avaliação de Modificações por Sensoriamento Remoto*. Tese de Doutorado. Niterói, CPGGM, UFF/IGEO.
- SCHAAN, D., et al. 2005. *Diagnóstico sobre o Potencial Arqueológico nas Áreas de Influência Direta e Indireta do Empreendimento LT 138 Kv - Calçoene/ Oiapoque (AP)*. Belém, MPEG.
- SILVEIRA, O.F.M. 1998. *A Planície Costeira do Amapá: Dinâmica de Ambiente Costeiro Influenciado por Grandes Fontes Fluviais Quaternárias*. Tese de Doutorado. Belém, UFPA.
- THOMAS, J. 1996. *Time, Culture and Identity - An Interpretive Archaeology*. London, Routledge.
- TILLEY, C. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments*. Oxford, Berg Publishers.